

# ABORDAGEM DECOLONIAL E PERSPECTIVAS DA COLONIALIDADE: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA EM PERIÓDICOS E CONGRESSOS DE ADMINISTRAÇÃO

Rosana Oliveira da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo desenhar um panorama dos estudos nacionais sobre a abordagem decolonial e as perspectivas da colonialidade, apresentando os resultados de uma revisão sistemática dos trabalhos publicados em periódicos e anais de congressos em Administração. No projeto Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade, criado em 1998, a concepção é de que existe uma dominação eurocêntrica desde a época da colonização da América Latina, que, atualmente, se estende à dominação estadunidense, que é articulada em três formas de colonialidade: do poder, do ser e do saber. Os resultados mostram que os estudos ainda podem ser considerados incipientes e que a maioria se concentra em poucos autores. No entanto, constataram-se algumas contribuições relevantes ao projeto, propostas à descolonização e visibilidade aos esforços de marginalizados para mudarem as suas realidades. Este artigo contribui para a compreensão da base do conhecimento sobre a abordagem decolonial e as perspectivas da colonialidade no campo de Administração, no Brasil, além de incentivar pesquisadores da área à opção decolonial. Pesquisas que adotam tais concepções em Administração trazem a relevância de se pensar as organizações e as teorias organizacionais de seu contexto e para o seu contexto.

**Palavras-Chave:** Colonialidade do poder; Colonialidade do saber; Colonialidade do ser; Decolonial.

**ENFOQUE DECOLONIAL Y PERSPECTIVAS DE LA COLONIALIDAD: ANÁLISIS DE LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA BRASILEÑA EN REVISTAS Y CONGRESOS DE ADMINISTRACIÓN**

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo trazar un panorama de los estudios nacionales sobre el enfoque decolonial y las perspectivas de la colonialidad, presentando los resultados de una revisión sistemática de trabajos publicados en revistas y anales de congresos en administración. En el proyecto Modernidad / Colonialidad / Decolonialidad, creado en 1998, el concepto es que ha

<sup>1</sup> Mestre em Administração pelo PPGA/UNIGRANRIO, Servidora Pública Federal da FIOCRUZ e Doutoranda do PPGA/UNIGRANRIO. Contato principal para correspondência.

existido una dominación eurocéntrica desde la colonización de América Latina, que actualmente se extiende a la dominación estadounidense, que se articula en tres formas de colonialidad: del poder, del ser y del saber. Los resultados muestran que los estudios todavía pueden considerarse incipientes y que la mayoría se centra en unos pocos autores. Sin embargo, hubo aportes relevantes al proyecto, propuestas de descolonización y visibilidad a los esfuerzos de los marginados por cambiar sus realidades. Este artículo contribuye a la comprensión de la base de conocimientos sobre el enfoque decolonial y las perspectivas de la colonialidad en el campo de la administración en Brasil, además de incentivar a los investigadores del área a la opción decolonial. Investigaciones que adoptan tales concepciones en Administración traen la relevancia de pensar las organizaciones y las teorías organizacionales.

**Palabras clave:** Colonialidad del poder; Colonialidad del saber; Colonialidad del ser; Decolonial.

DECOLONIAL APPROACH AND PERSPECTIVES OF COLONIALITY: ANALYSIS OF BRAZILIAN SCIENTIFIC PRODUCTION IN JOURNALS AND ADMINISTRATION CONGRESSES

## ABSTRACT

This article aims to draw an overview of national studies on the decolonial approach and perspectives of coloniality, presenting the results of a systematic review of works published in journals and annals of congresses in administration. In the Modernity/Coloniality/Decoloniality project, created in 1998, the concept is that there has been Eurocentric domination since the colonization of Latin America, which currently extends to US domination, which is articulated in three forms of coloniality: of power, of being, and of knowledge. The results show that the studies can still be considered incipient and that most focus on a few authors. However, there were some relevant contributions to the project, proposals for decolonization, and visibility to the efforts of the marginalized to change their realities. This article contributes to the understanding of the knowledge base on the decolonial approach and perspectives of coloniality in the field of administration in Brazil, in addition to encouraging researchers in the area to the decolonial option. Researches that adopt such conceptions in Administration bring the relevance of thinking about organizations and organizational theories in their context and for their context.

**Keywords:** Coloniality of being; Coloniality of knowledge; Coloniality of power; Decolonial.

## INTRODUÇÃO

A abordagem decolonial e as perspectivas da colonialidade fazem parte do pensamento ou projeto decolonial<sup>2</sup> presente no Grupo Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade

<sup>2</sup>Apesar de alguns adotarem “descolonial”, “de-colonial” e “des-colonial”, optou-se por adotar “decolonial”.

(MCD)<sup>3</sup>, formado em 1998 por intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas (BALLESTRIN, 2013). O entendimento central de tal grupo é que a modernidade gera seres humanos humilhados, difamados, esquecidos e marginalizados e a decolonialidade é [...]a energia que não permite ser gerenciada pela lógica da colonialidade ou pelos contos de fadas da retórica da modernidade” (MIGNOLO, 2008, p. 10). Ou seja, a decolonialidade seria uma forma de romper com a colonialidade.

O termo “colonialidade” refere-se às “[...]estruturas de poder, controle e hegemonia que surgiram durante a época colonial e se estendem da conquista das Américas até os dias atuais” (MISOCZKY; BÖHM, 2013, p. 315). Entende-se ainda que a colonialidade é um dos elementos constituintes do padrão mundial do poder capitalista, bem como que se baseia na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como a pedra angular desse padrão de poder, operando de forma extensiva e ampla na existência cotidiana (QUIJANO, 1992).

Assim, para os membros do Grupo MCD, a colonização histórica deixou raízes que persistem sob a forma de colonialidade do poder, que cria outras colonialidades, tais como econômica, do saber, do ser etc. (QUIJANO, 1992; MIGNOLO, 2008). Por isso, as perspectivas da colonialidade vão além do período da colonização, pois se atualizam e permanecem em várias formas ao longo do tempo (STREVA, 2016). Justamente por remontarem à época da colonização, apesar de não se limitar a essa época, o grupo defende que haja uma separação entre o MCD e o pensamento de outras localidades que têm histórias diferentes (MIGNOLO, 2008).

Dessa forma, de acordo com a concepção de que existe uma dominação eurocêntrica e dos Estados Unidos, visto que os Estados-nação periféricos e as populações não europeias são impostos à colonialidade global dos Estados Unidos, por meio do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (BM), dentre outros (GROSGOUEL, 2008), se encontra o projeto (MIGNOLO, 2008).

---

<sup>3</sup>Inicialmente, o grupo foi denominado Grupo Modernidade/Colonialidade, mas depois mudou para Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade (ABDALLA; FARIA, 2017). Logo, adotou-se esta denominação.

A colonialidade pode ser vista sob três formas: do saber, que nos “[...]impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que são próprias” (PORTO-GONÇALVES, 2005, p. 3); do ser, que marginaliza seres humanos, ou ainda que viola a “alteridade humana”, refletindo os efeitos da colonialidade na mente e no corpo dos sujeitos (as fraturas), que são negados na essência do seu ser (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 150); e do poder, que classifica as pessoas de acordo com o trabalho, gênero e raça (QUIJANO, 1992), marcando a diferença do classificado, que é inferiorizado, por quem tem o poder colonial, que é legitimado (MIGNOLO, 2003). Todas as colonialidades podem ser consideradas formas modernas de exploração e dominação (MALDONADO-TORRES, 2007).

Apesar de existir um quadro longo de assimetrias e injustiças na área de Administração/Gestão, amparado pela radicalização da universalização do conhecimento euro-estadunidense, e, conseqüentemente, subalternizando o conhecimento de todo o resto do mundo, os debates decoloniais na área ainda são considerados marginais no país (ABDALLA; FARIA, 2017). Entretanto, apesar disso, Serva (2017) ressalta que a abordagem decolonial vem apresentando crescimento no país na respectiva área. Ressalta-se que, recentemente, Abdalla e Faria (2017) fizeram uma chamada à opção decolonial na área de Administração, incentivando que outros pesquisadores se dediquem à opção como forma de promover avanços acadêmico, educacional e social.

Neste sentido, para entender os avanços, as contribuições e aderindo-se à chamada de Abdalla e Faria (2017), esta pesquisa tem o objetivo de desenhar um panorama dos estudos nacionais sobre a abordagem decolonial e as perspectivas da colonialidade, apresentando os resultados de uma revisão sistemática dos trabalhos publicados em periódicos de Administração e nos anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), com o objetivo final de propor uma agenda para pesquisas futuras.

## **PÓS-COLONIALISMO E PROJETO DECOLONIAL**

De acordo com Abdalla e Faria (2017, p. 922), o Grupo MCD foi criado “[...]em resposta a traços de essencialismos que emergiram em grande parte devido ao avanço do pós-colonialismo nos

EUA durante um período crítico da “revolução” neoliberal”. Portanto, por mais que tal grupo rechace a afiliação com o pós-colonialismo (BALLESTRIN, 2013), pode-se dizer que o pós-colonialismo trouxe elementos para introduzir o projeto decolonial. Pontua-se ainda que os significados atribuídos ao termo pós-colonialismo surgiram a partir da identificação da relação entre colonizado e colonizador (BALLESTRIN, 2013). Porém, os questionamentos quanto à exclusão e à desconsideração de certos grupos/localidades não surgiram com o Grupo MCD.

Nesse sentido, Abdalla e Farias (2017) destacaram que a decolonialidade tem uma longa trajetória, por mais que tenha sido criada oficialmente com o projeto decolonial. Em consonância com tal observação, Segrera (2005) chama atenção para algumas obras produzidas na América – que podem estar relacionadas à decolonialidade –, tais como: *Os estudos tipológicos*, de Darcy Ribeiro, sobre os povos e o processo civilizatório; *A sociologia da fome*, de Josué de Castro; *A metodologia Pesquisa-Ação Participativa*, de Orlando Fals Borda; e *A pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire.

Os pensadores pós-coloniais também podem ser localizados antes de institucionalizada a corrente do pós-colonialismo (BALLESTRIN, 2013). Desde o século XIX, na América Latina, aparecem preocupações quanto ao “sentido” e ao “destino” da América e das pessoas, diante do problema da “colonização ibérica” (BALLESTRIN, 2013, p. 91). Segundo a autora, Fanon, Césaire e Memmi, a tríade francesa, somam-se a esses autores, cujos estudos foram relativamente simultâneos, começando na década de 1940. Os autores tinham características que podem ter contribuído para que se tornassem os porta-vozes dos colonizados, pois os dois primeiros eram negros e o último era de origem judaica (BALLESTRIN, 2013).

Paralelamente, formou-se outro grupo, que contribuiu para que o pós-colonialismo se tornasse um “movimento epistêmico, intelectual e político”, o Grupo de Estudos Subalternos, formado no sul asiático com a liderança do indiano Ranajit Guha (BALLESTRIN, 2013, p. 92). Influenciado por esse grupo, na década de 1990, formou-se o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos, composto por “intelectuais latino-americanos e americanistas” (BALLESTRIN, 2013, p. 94). Contudo, como os questionamentos do Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos giravam em torno da utilização de referências que ajudavam a silenciar e desconsiderar pessoas e localidades, alguns integrantes questionavam ter como referência os estudos do grupo asiático (CASTRO-

GÓMEZ; MENDIETA, 1998); e utilizar autores eurocêntricos, tais como Foucault e Derrida, como centrais (MIGNOLO, 2008). Por isso, alguns pesquisadores saíram do grupo e formaram o Grupo MCD, fundado em uma genealogia diferente (MIGNOLO, 2008).

Dessa forma, Mignolo (2008) aborda sobre as diferenças entre as teorias pós-coloniais e o pensamento decolonial, que também marcam as diferenças dos grupos mencionados. Segundo o autor, o pensamento decolonial nas Américas surgiu no próprio fundamento da modernidade/colonialidade, como contrapartida, e relaciona-se, originalmente, com o pensamento indígena e o afrocaribenho. Por outro lado, a teoria pós-colonial ou dos estudos pós-coloniais tem a origem centrada no pós-estruturalismo francês. O que o autor chama de segundo momento, ocorreu em outras localidades, tais como na Ásia e na África, mas sem relação com o pensamento decolonial nas Américas.

No entanto, um terceiro momento tem relação com a guerra fria, pois desde o fim dessa guerra, o pensamento decolonial começou a traçar sua própria genealogia (MIGNOLO, 2008). O autor entende que a pós-colonialidade (teoria ou crítica pós-colonial) nasceu presa à (pós) modernidade, e, por isso, Michel Foucault, Jacques Lacan e Jacques Derrida foram as bases da crítica pós-colonial (de Said, Bhaba e Spivak). Por outro lado, o pensamento decolonial, de acordo com o autor, está ancorado em outros pontos, tais como no caso de Waman Puma, de línguas e memórias indígenas, e em Cugoano, as memórias e experiências da escravidão, confrontados com a colonização da modernidade, no aspecto econômico e político. Mignolo (2008) descreve, ainda, que o pensamento decolonial surge da crítica pós-colonial.

Se, por um lado, o pós-colonialismo pode ser entendido como um “[...]tempo histórico posterior aos processos de descolonização do chamado “terceiro mundo”, a partir da metade do século XX[...],” que remete “[...]à independência, libertação e emancipação das sociedades exploradas pelo imperialismo e neocolonialismo – especialmente nos continentes asiático e africano”, ou ainda como “[...]um conjunto de contribuições teóricas” (BALLESTRIN, 2013, p. 90). Por outro, no projeto MCD entende-se que 1492 foi o momento em que se fundou a modernidade, momento pelo qual a Europa passou a ser o centro do mundo (DUSSEL, 1993).

Castro-Gómez (2007) fez reflexões sobre esse marco histórico, que levou à dominação vista até hoje:

Se até antes de 1492 prevaleceu uma visão orgânica do mundo, na qual natureza, homem e conhecimento faziam parte de um todo inter-relacionado, com a formação do sistema capitalista mundial e a expansão colonial da Europa, essa visão orgânica começa a permanecer subalternizada. [...]pouco a pouco foi (grifo meu) imposta a ideia de que a natureza e o homem são campos ontologicamente separados, e que a função do conhecimento é exercer controle racional sobre o mundo. [...]o conhecimento não tem mais o objetivo de entender todas as coisas, mas sim de decompor a realidade em fragmentos, a fim de dominá-la. (p. 80-81)

A próxima seção trata, especificamente, da abordagem decolonial, bem como apresenta as perspectivas da colonialidade.

## **ABORDAGEM DECOLONIAL E PERSPECTIVAS DA COLONIALIDADE**

O Grupo MCD é formado por alguns autores, tais como Aníbal Quijano, Arturo Escobar, Enrique Dussel, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel, Walter Dignolo, Santiago Castro-Gómez e Boaventura Santos (BALLESTRIN, 2013). Aníbal Quijano (1992<sup>4</sup>) trouxe o conceito de colonialidade para entender o cenário de desigualdades e do domínio da América Latina, e tal conceito foi absorvido pelo projeto MCD (MIGNOLO, 2008). Em 2000, o grupo lançou a obra *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*, uma das publicações de maior importância do grupo (BALLESTRIN, 2013). Quijano (1992) entende que com a conquista das sociedades e culturas da América Latina, iniciou-se um processo que persiste até hoje. Esse processo, segundo o autor, envolveu a concentração dos recursos mundiais, sob o controle, e em benefício, da pequena minoria. Hoje, talvez, exista de uma forma mais violenta e em maior escala (QUIJANO, 1992). Nesse aspecto, a América Latina e a África são apontadas como principais vítimas.

<sup>4</sup>Aníbal Quijano publicou “*Colonialidad y modernidad/racionalidade*” em 1989, mas o texto foi reimpresso em 1992, na obra *Los conquistados: 1492 y la población de las Américas* (MIGNOLO, 2008).



Por isso, para Quijano (1992), o primeiro passo é livrar-se das conexões da racionalidade/modernidade com a colonialidade, para, depois, se destituir a colonialidade do poder mundial. E, nesse contexto, o pensamento fronteiriço prega que é necessário livrar-se das regras imperiais, bem como adotar este pensamento para se pensar em descolonizar a economia, o Estado e a subjetividade (MIGNOLO, 2008). Nesse caminho, Maldonado-Torres (2007) discorre que o giro decolonial “[...]implica fundamentalmente, primeiro, uma mudança de atitude no assunto prático e de conhecimento e, depois, a transformação da ideia no projeto de descolonização” (p. 159). O mote é que o que vem de um determinado grupo, a Europa Ocidental, é colocado como uma racionalidade universal, como se não houvesse outras realidades, contextos, grupos, localidades etc. (QUIJANO, 1992).

O giro e a ideia de descolonização encontram suas raízes na resposta à extrema violência da conquista, que invalida o conhecimento, a cultura, o jeito de viver, o estilo de vida e a humanidade daqueles que são conquistados (MALDONADO-TORRES, 2007). De uma maneira geral, o autor revela que os princípios do giro decolonial e a ideia de descolonização, têm relação direta com o “grito” dos colonizados, quando se dão conta da realidade de dominação e de exclusão. O pensamento decolonial propõe “[...]romper com os pensamentos gravados nas mentes e corpos por gerações da América Latina[...].” e incluir aqueles que vêm de povos originários (índios) e dos negros (COSTA NETO, 2016, p. 51). Desta forma, busca recuperar os saberes de povos que foram desconsiderados social e politicamente.

Assim, o giro decolonial epistêmico foi consequência da matriz colonial de poder de Quijano (1992), que revela outras colonialidades, como do ser e saber (MIGNOLO, 2008). Quijano (2000) explica que a colonialidade do poder surge:

Com a constituição da América (Latina), no mesmo momento e movimento histórico, o poder capitalista emergente torna-se global, onde seus centros hegemônicos estão localizados nas áreas localizadas no Atlântico – que mais tarde serão identificados como Europa – e a colonialidade e a modernidade são estabelecidas como eixos centrais de seu novo padrão de dominação. (p. 342)



Para Mignolo (2008), desde a inserção da América no capitalismo mundial, as pessoas são classificadas de acordo com três linhas, que são articuladas pela colonialidade do poder: trabalho, gênero e raça. A colonialidade está em torno de dois eixos centrais: o controle da produção de recursos de sobrevivência social (que envolve o controle da força de trabalho e dos recursos naturais) e o controle da reprodução biológica das espécies (que envolve o controle do sexo). Assim, a colonialidade do poder perpassa todas as esferas e a matriz é uma representação complexa que revela controles na economia, autoridade, natureza e recursos naturais, gênero e sexualidade e subjetividade e conhecimento (MIGNOLO, 2010).

Quijano (2009) ressalta que o eurocentrismo levou o mundo a admitir que em uma totalidade o todo é superior sobre todas e cada uma das partes. Portanto, tudo que não seja considerado dentro dessa “totalidade” como válido (conhecimento) ou existencial (como pessoas), é secundário e não tem efeito sobre o “todo”. Nessa mesma lógica, as várias formas de controle se reproduzem em três dimensões de colonialidade: do poder, do saber e do ser (BALLESTRIN, 2013).

A colonialidade do saber revela que “[...]além do legado de desigualdade e injustiças sociais profundas do colonialismo e do imperialismo[...], há também “[...]um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias” (PORTO-GONÇALVES, 2005, p. 3). Nesse mesmo sentido, a colonialidade do ser centra-se na questão de que há uma marginalização de seres humanos (MALDONADO-TORRES, 2007). De uma forma geral, pode-se dizer que o projeto MCD busca trazer outras formas de conhecimento.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para atingir o objetivo desta pesquisa, foi realizada uma revisão sistemática de literatura. Para Cronin, Ryan e Coughlan (2008), o objetivo da revisão da literatura é atualizar o leitor com as atuais literaturas sobre um tópico, bem como apontar para futuras pesquisas. Entretanto, as revisões sistemáticas usam uma abordagem mais rigorosa, criteriosa e bem definida (CRONIN; RYAN; COUGHLAN, 2008). Na mesma direção, Paul e Criado (2020), ao

definirem a revisão de literatura, focados nas revisões sistemáticas, destacam que ela fornece uma dimensão abrangente da literatura relacionada a um tema, teoria ou método, assim como sintetiza os estudos anteriores para dar força a base de conhecimento.

Assim, neste artigo, inspirado nos protocolos trazidos por Cronin, Ryan e Coughlan (2008) e Paul e Criado (2020), foram adotados os seguintes passos: seleção de um tópico para revisão – abordagem decolonial e as perspectivas da colonialidade; adoção de critérios de seleção de periódicos e congressos (descritos a seguir); critérios de inclusão usando palavras-chave (descritas adiante); definição do período pesquisado (de 2000 a 2020); pesquisa de artigos nas bases selecionadas; leitura dos artigos (primeiro o resumo e, em caso de identificação de aderência, leitura dos artigos na íntegra); organização de todos os artigos selecionados; e análise dos artigos selecionados (inspirado em Coda e Castro (2019)), identificando lacunas de pesquisa e direcionando para pesquisas futuras.

Como fonte de dados, foram selecionados os principais periódicos nacionais em Administração, conforme foi feito por Demo, Fogaça e Costa (2018), periódicos esses com classificação Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) igual ou superior a B1 (considerando o quadriênio 2013-2016), a saber: *Brazilian Administration Review* (BAR), *Revista de Administração Contemporânea* (RAC), *Revista de Administração de Empresas* (RAE), *Revista de Administração Pública* (RAP), *Cadernos EBAPE.BR*, *Revista de Administração da USP* (RAUSP), *Revista de Administração Mackenzie* (RAM) e *Revista Eletrônica de Administração* (REAd). Porém, foram incluídos os periódicos *Organizações & Sociedade* (O&S) e *Sociedade, Contabilidade e Gestão* (UFRJ), em razão de, na revisão de literatura, ter sido verificado que tais periódicos abrem espaço para as temáticas analisadas. Ao incluir mais dois periódicos, busca-se, inclusive, seguir as orientações do Paul e Criado (2020), no que se refere a ser indicado incluir artigos de, pelo menos, 10 periódicos significativos em um artigo de revisão. Além disso, como fonte de dados, foram incluídos os anais da ANPAD (que contemplam o segundo maior congresso de Administração do mundo, o Encontro da ANPAD (EnANPAD)).

Foram escolhidos periódicos e congressos em Administração, porque assim como Abdalla e Faria (2017), aqui entende-se que é preciso incentivar pesquisadores da área à opção decolonial buscando promover avanços acadêmico, educacional e social.

O período selecionado para a pesquisa, 2000 a 2020, foi escolhido porque abrange o giro decolonial epistêmico, a existência do Grupo MCD e permite uma visão abrangente da literatura relacionada ao tema. Como mencionado por Paul e Criado (2020), uma revisão de literatura permite, além do ponto anteriormente destacado, sintetizar estudos anteriores para fortalecer a base do conhecimento. Neste sentido, para os autores, contemplar um período acima de 10 anos é o mais indicado. As palavras-chave utilizadas para a pesquisa foram: “decolonial”, “descolonial”, “des-colonial”, “de-colonial”, “colonialidade”, “*decoloniality*”, “*decolonization*” e “*coloniality*” – foram incluídas palavras em inglês porque também há artigos neste idioma.

A consulta foi feita nos locais disponíveis para a busca, por isso as palavras poderiam estar no título, resumo, palavras-chave ou no corpo do artigo, a depender da forma de busca utilizada pelo *site*. Foram encontrados 38 artigos, que, em uma leitura minuciosa, confirmaram estarem relacionados às temáticas pesquisadas.

Inspirado em Coda e Castro (2019), as análises foram separadas em blocos, Teórico, Metodológico e Empírico, conforme Tabela 1.

**Tabela 1** - Bloco, categorias e técnica de análise utilizada na pesquisa

Bloco	Categorias	Técnica de análise
Teórico	Objetivos	Análise de similitude e temática
	Quadro conceitual	Análise temática
	Natureza	Contagem
Metodológico	Abordagem, técnica de coleta de dados e técnica de análise	Contagem
Empírico	Resultados e conclusões	Análise temática

**Fonte:** Criada pela autora a partir de Coda e Castro (2019)

A técnica de análise de contagem trata-se da contagem da natureza dos artigos (teórico ou teórico-empírico), da abordagem (quantitativa, qualitativa e mista), da técnica de coleta de dados (e.g., entrevistas) e da técnica de análise (e.g., análise de conteúdo). A análise de similitude foi utilizada apenas nos objetivos, com a ajuda do *software* Iramuteq versão 0.7 alpha 2, para permitir a identificação do grau de variação entre as pesquisas encontradas. De acordo

com Coda e Castro (2019, p. 261), esta análise possibilita “[...]apurar as co-ocorrências de palavras entre os objetivos dos trabalhos, trazendo à tona possíveis conexões entre elas”. A análise temática (AT), utilizada para algumas bases, foi feita com foco nas fases apresentadas por Souza (2019): familiarização com os dados, para gerar códigos iniciais, buscar e revisar os temas, definir e nomear os temas e produzir o relatório. Assim, as bases onde foram utilizadas essa técnica de análise, serão apresentadas em forma de categorias (ou temas).

## RESULTADOS DA PESQUISA

### Panorama das publicações

Como mencionado anteriormente, foram encontrados 38 artigos nas fontes pesquisadas. Destaca-se que somente foram encontrados artigos a partir de 2006. Porém, depois de uma única publicação, não foi localizado nenhum artigo nos anos subsequentes, como pode ser observado no Gráfico 1. Ressalta-se que, mesmo diante de um aumento no número de artigos, posteriormente, não foram encontrados muitos artigos, conforme observa-se na Tabela 2.

**Tabela 2** - Panorama das publicações

REVISTA/CONGRESSO	TOTAL DE ARTIGOS
Cadernos EBAPE.BR	11
Organizações & Sociedade (O&S)	1
Revista de Administração de Empresas (RAE)	3
Revista de Administração Contemporânea (RAC)	2
Sociedade, Contabilidade e Gestão	2
ANPAD (EnANPAD e EnEO)	19
<b>TOTAL</b>	<b>38</b>

**Fonte:** Criada pela autora a partir das análises

Nota<sup>1</sup>: O EnANPAD 2020 não foi considerado porque a coleta foi realizada antes de a disponibilização dos artigos do evento, 05/07/2020. Também só foram considerados os artigos publicados nos periódicos até essa data.

Nota<sup>2</sup>: Foi desconsiderado um artigo do EnANPAD porque o mesmo artigo foi considerado no periódico da RAC.

Constatou-se que a maioria dos artigos foi publicada a partir de 2017, como mostra o Gráfico 1, totalizando 23 artigos. Isso sugere um interesse recente na temática na área de Administração/Gestão. Contudo, é importante registrar que houve uma concentração em duas fontes, no Cadernos EBAPE.BR (11 artigos) e nos congressos da ANPAD (Encontro da ANPAD (EnANPAD) e Encontro de Estudos Organizacionais (EnEO)) (19 artigos).



**Gráfico 1** - Número de artigos por ano sobre abordagem decolonial e perspectivas da colonialidade  
**Fonte:** Criado pela autora

Na próxima seção, ficarão mais evidentes as propostas das pesquisas encontradas quanto ao interesse em ampliar a perspectiva decolonial, diante de um contexto de colonialidade em vários aspectos.

### **Bloco teórico: colonialidades e decolonialidade**

No que se refere à natureza dos artigos, 25 são teóricos e apenas 13 são teórico-empíricos. Todos os artigos conversaram, de alguma forma, com o projeto MCD. Entretanto, Serva (2017) apresentou a abordagem decolonial somente após a pesquisa empírica, como uma das epistemologias de Administração.

Com relação à análise de similitude, que identifica as co-ocorrências entre as palavras e indicações da conexidade entre os termos, ela apresentou conexões de vários termos, sugerindo a aproximação da abordagem colonial da questão dos negros; o interesse em contribuir com o conhecimento no campo de Administração; e a perspectiva decolonial/descolonial nos estudos organizacionais, dentre outros exemplos. Porém, pode-se dizer que a relação mais forte na análise de similitude dos objetivos concentra-se em “como”, a



Com foco na questão de gênero, Amaral e Maфра (2019) analisaram o enfrentamento das opressões numa universidade pública, sob a ótica do feminismo decolonial (LUGONES, 2015), com clara conexão com o projeto MCD. As autoras utilizaram como fontes, coletivos femininos, tais como mulheres lésbicas e bissexuais, mulheres ligadas ao LGBTQ+, mulheres negras e mulheres que representavam diversidade e pluralidade. Todos esses grupos, além das questões feministas, tentavam combater questões peculiares em relação à sua orientação sexual, racial, dentre outras questões. Outra pesquisa com este foco, foi a de Maфра *et al.* (2018), que abordou a questão de gênero e analisou a resiliência das mulheres (feministas) no movimento agroecológico brasileiro, partindo do princípio de que, no contexto de uma sociedade marcada pela colonialidade, as mulheres são subalternizadas. O artigo também adotou a perspectiva decolonial, e, particularmente, o feminismo decolonial.

De forma mais sintética, ressalta-se que os objetivos das pesquisas concentraram-se em apresentar a colonialidade como forma de análise de elementos sociais, históricos-sociais e/ou políticos para compreender determinados contextos (ZWICK, 2015); identificar a aproximação de autores com as perspectivas da colonialidade (SILVA *et al.*, 2020) e como grupos marginalizados enfrentam e/ou resistem (REZENDE; MAFRA; PEREIRA, 2018; MAFRA *et al.*, 2018); analisar, a partir da perspectiva decolonial, como práticas/modelos eurocêntricas foram incorporados por alguns atores e legislações (OLIVEIRA; HEMAIS, 2019; SANTOS; HEMAIS, 2019); contribuir para os estudos Organizacionais/Administração, trazendo a proposta de análise sob as lentes da colonialidade/decolonialidade (ABDALLA; FARIA, 2017; MISOCZKY; CÂMARA, 2020); e promover uma perspectiva histórica descolonial da América Latina (FARIA; HEMAIS, 2016). Contudo, de uma maneira geral, mesmo que tenham sido objetivo secundário, as pesquisas buscaram contribuir para os estudos Organizacionais/Administração com a proposta de trazer ou apontar para novas formas de conhecimento e para uma maior compreensão dos fenômenos sociais.

Os artigos partiram da concepção de que o eurocentrismo opera um tipo de racismo epistêmico, que segrega e dispensa o conhecimento produzido fora de suas fronteiras (ALCADIPANI; ROSA, 2010); que existem formas de sustentar a colonialidade do conhecimento, do ser e do poder, como utilizar o inglês como língua global no campo científico, que, por



séculos, impediu os nativos de produzirem sentido acerca do que pensavam, falavam e escreviam (ROSA; ALVES, 2011); e que é importante considerar contextos históricos na gestão e nas organizações, para aquisição de conhecimentos sobre o país e de como os instrumentos de colonialidade operam (BARROS; WANDERLEY, 2019).

Basicamente, os artigos fundamentaram-se na colonialidade do poder e epistêmica/do conhecimento (ou do saber) e no projeto decolonial, para propor ou ensejar alternativas à colonialidade, bem como para entender inúmeros contextos, além dos já sinalizados, tais como a gestão pública no Brasil (ZWICK, 2015); a hegemonia, a legitimidade e a universalidade do conhecimento em Gestão/Administração (COUTO; HONORATO; SILVA, 2019); e o que levam as organizações de defesa do consumidor a seguir uma lógica de organizações eurocêntricas (SANTOS; HEMAIS, 2019). Como a maioria dos artigos encontrados foi ensaio teórico, o que pôde ser observado é que, muitas vezes, os autores partem da concepção de que existe a colonialidade na América Latina, sobretudo no Brasil, demonstrando a razão e sugerindo caminhos no sentido de descolonizar.

### **Bloco metodológico**

Provavelmente, aderindo-se a ideia de que a pesquisa qualitativa permite suscitar questões que não são possíveis em uma pesquisa quantitativa, sobretudo, diante das pesquisas adotarem o projeto MCD, que prega que há desconsideração de conhecimentos, pessoas e localidades, essa abordagem foi a única encontrada, quando se tratavam de pesquisas empíricas (13 artigos). Portanto, não foram encontradas abordagens quantitativas. Por meio de Santos (2019), é possível notar uma maior predileção e/ou adequação de pesquisas qualitativas quando são realizadas pesquisas à luz dessas abordagens (como a decolonial). Os demais artigos foram ensaios teóricos, com uma notável contribuição para as teorias coloniais e decoloniais (25 artigos).

Como técnica de coleta de dados, foi encontrada uma variedade de formas, o que sugere que há muitos caminhos para as pesquisas focadas nas temáticas. Quanto à técnica de análise, também foram encontradas variedades de análises, contudo observou-se um número um

pouco maior para a análise crítica do discurso. A Tabela 3 apresenta os procedimentos metodológicos adotados nas pesquisas.

**Tabela 3** - Procedimentos metodológicos adotados nas pesquisas

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Total</b>
Abordagem	Qualitativa	13
Técnica de coleta de dados	Entrevistas	4
	Observações	2
	Entrevistas coletivas	1
	Fotografias e desenhos	1
	Base SPELL	1
	Base de Congressos	1
	Livros e/ou artigos acadêmicos, sites, matérias jornalísticas e/ou outros documentos	6
Técnica de análise de dados	Análise crítica do discurso	3
	Revisão integrativa	1
	Análise de narrativa	2
	Pesquisa histórica	1
	Análise de conteúdo	1
	Interpretação compreensiva (Narração argumentativa)	1
	Análise temática <sup>1</sup>	2
Análise do caso/dos dados	1	

**Fonte:** Criada pela autora a partir das análises

Nota<sup>1</sup>: Apesar de a análise não ter ficado clara, foram sinalizados como Análise Temática diante de alguns apontamentos feitos na pesquisa.

Nota<sup>2</sup>: O total de técnica de coletas ultrapassa o número de artigos qualitativos diante de alguns utilizarem mais de uma forma de coleta

Vale pontuar que o método etnográfico e o método analético ou ana-dialético original de Dussel, também foram encontrados. Enfatiza-se, conforme trazem Misoczky e Böhm (2013, p. 316), que o momento analético de Dussel “[...]exige a abertura para pensar, ouvir, ver, sentir, experimentar a palavra sob a perspectiva do outro”. Diante das concepções decoloniais de que existe um silenciamento de pessoas, localidades e de conhecimentos, que não estão no contexto eurocêntrico e que é importante conhecê-los para entender as raízes, os respectivos métodos parecem fazer sentido para estudos baseados no projeto ou pensamento decolonial.

### **Bloco empírico: novos conhecimentos e propostas para os estudos organizacionais e a área de Administração/Gestão**

Nesta subseção, busca-se descrever os resultados e as conclusões que podem ser considerados mais relevantes dentro do projeto MCD. Nesse sentido, vale destacar que a

análise de discurso pode ser um caminho para entender/identificar expressões da colonialidade (MAFRA; LOBATO, 2017), bem como que o pensamento fronteiriço pode ser utilizado como método histórico para o conhecimento de Gestão/Organização (WANDERLEY; FARIA, 2013).

Aliás, alguns resultados demonstram que a perspectiva histórica é um caminho promissor para pesquisas que utilizam o projeto MCD (WANDERLEY, 2015), ou que também é possível revisitar obras de autores que podem aderir ao projeto para entender a importância de pensar o Brasil e as organizações a partir de seu contexto e para o seu contexto (SILVA *et al.*, 2020). Ou ainda, analisar expressões de culturas locais, tais como as indígenas, para enfatizar a manutenção dos saberes tradicionais e conter a colonização eurocêntrica e neoliberal euroamericano, no que se refere aos hábitos, à culinária, à educação, dentre outros pontos, que possam contribuir para os estudos organizacionais e de Gestão/Administração (SILVA; GUEDES, 2017). Essa última seria uma forma de ‘abrasileirar’ o projeto MCD:

[...]contribuindo principalmente com o conceito de *border thinking* (pensamento fronteiriço) para os estudos organizacionais [...]onde o pesquisador seria um xamã do lado externo da borda ao dialogar com o conhecimento produzido no lado interno. (BAUER; WANDERLEY, 2019, p. 1)

Outro destaque, também reforçado por alguns autores do projeto MCD, é que o Brasil e outros países da América Latina sofrem com a colonização dos EUA, no que tange às práticas e às regras organizacionais, aos conhecimentos, aos costumes etc. (OLIVEIRA; HEMAIS, 2019). Mas, apesar disso, Faria e Wanderley (2013) argumentam que as organizações preteridas pelo Ocidentalismo americanista exercem um papel estratégico no Brasil (em especial as organizações familiares e as governamentais).

Muitas das pesquisas tiveram como foco trazer novos conhecimentos e propostas para os estudos organizacionais e a área de Administração/Gestão, e tiveram como resultados/conclusões que o projeto MCD pode contribuir, e muito, como uma proposta alternativa. Até por isso várias, mesmo que não claramente, chamam pesquisadores para adotar a perspectiva decolonial (ABDALLA; FARIA, 2017). Vizeu, Seifert e Hocayen-da-Silva

(2015), por exemplo, destacaram que existem formas não convencionais de organizações que rompem com as premissas dos estudos organizacionais (por isso é importante conhecê-las). Nesse aspecto, Misoczky e Camara (2020) concluíram que há importância de buscar um conhecimento que seja orientado para uma ética crítica, que possa contribuir para tornar visíveis processos organizacionais, com o objetivo claro de demonstrar expressões de colonialidade e contribuir para as comunidades e coletivos de luta.

Indo também na direção do pensamento decolonial, Misoczky (2006) destaca que é preciso estar atento contra qualquer tipo de essencialismo, bem como também deve-se promover relações plurais e enfrentar a colonialidade para descolonizar a pesquisa acadêmica. Ao encontro do ponto destacado por Misoczky (2006), Santos *et al.* (2019) entendem que quando se legitima a descolonialidade do saber nos estudos organizacionais, torna-se possível ampliar o pensamento fronteiriço e criar condições de permitir a coexistência ampla entre saberes do Sul e do Norte. Essa coexistência de saberes contribui para a promoção da pluridiversidade. Misoczky e Camara (2015) destacam que o diálogo crítico em estudos organizacionais é indispensável para que se negue a legitimidade de um sistema que explora, oprime e compromete a vida humana.

Observou-se, ainda, que alguns campos, tais como a contabilidade (CARVALHO; SAUERBRONN, 2019) e o marketing (OLIVEIRA; HEMAIS, 2019), estão aderindo ao projeto MCD. Carvalho e Sauerbronn (2019) descrevem que a *counter accounting* pode ser utilizada em vários contextos e cenários, de diferentes formas, visando alcançar a descolonialidade frente a processos de dominação e opressão de grupos. Desta forma, aderem-se às agendas que questionam a imposição de lógicas e projetos colonialistas e entendem que é urgente fazer da contabilidade e da prestação de contas, “[...]ferramentas de mobilização social e resistência à margem” (p. 12). Oliveira e Herais (2019) identificaram que o código brasileiro e a criação do Conar tiveram como base modelos eurocêntricos, que são focados na ideologia neoliberal.

Por fim, é importante destacar outros resultados e conclusões de pesquisas empíricas, tais como argumentos de gestores de uma universidade federal, que demonstram a institucionalização e a reprodução da dependência acadêmica, a interculturalidade como

poder, a fragmentação identitária nas ações gerenciais e uma possibilidade de luta decolonial que visa confrontar os saberes universais, por meio da opção por múltiplos saberes que contribuem para a compreensão da vida social (BIZARRIA; BARBOSA, 2019); que o cabelo é um elemento constitutivo da raça, da identidade negra, que contribui, inclusive, para um enfrentamento da marginalização e exclusão, por meio de uma inserção mais autônoma no mercado de trabalho (REZENDE; MAFRA; PEREIRA, 2018); que coletivos femininos são espaços de refúgio, aconselhamento, acolhimento e suporte para mulheres, e, destarte, que esses coletivos se esforçam para romper com a estrutura opressiva, com a colonialidade do saber, ser, poder e gênero (AMARAL; MAFRA, 2019); que há a colonialidade da natureza, a exploração da água como mercadoria, “[...]com o intuito de retirar do contexto de debates e conflitos sociais e políticos o elemento água” (MAFRA; LOBATO, 2017, p. 1); e que, mesmo na função de pesquisador, o sujeito não europeu, “[...]ao tomar o sujeito europeu como o Outro da pesquisa, torna-se alvo de uma inversão que o desloca de volta para a posição do Outro” (ROSA; ALCADIPANI; MEDEIROS, 2010, p. 371).

A próxima seção apresentará a discussão sobre os resultados encontrados e a proposta de agenda de pesquisa focada nas perspectivas do projeto MCD.

## **DISCUSSÃO E AGENDA DE PESQUISA**

Percebeu-se que a grande maioria das pesquisas procurou contribuir com as teorias, advindas do projeto MCD, com o propósito de estabelecer uma reflexão permanente e ultrapassar as barreiras do conhecimento existente em Administração/Gestão/Estudos Organizacionais. Contudo, tendo como parâmetro as fontes pesquisadas, pode-se dizer que o projeto MCD ainda está longe de sair da concepção de “projeto” para algo concluído (por mais que não se esgotasse).

Vale pontuar que 11 artigos foram feitos por dois autores, Sérgio Wanderley (5 artigos) e Alexandre Faria (4 artigos), sendo 2 artigos em conjunto, representando 28,95% dos artigos. Ademais, 5 artigos foram feitos por Flávia Mafra (13,16% do total), 4 artigos por Maria Ceci Misoczky (10,53% do total), 3 artigos foram feitos por Alexandre Rosa (7,89% do total) e

Marcus Hemais (5,26% do total) – foi desconsiderado um artigo no percentual, visto que um deles foi em conjunto com outro autor já sinalizado. Desse modo, só 6 autores concentram mais de 65% do total de artigos. Portanto, não parece haver um interesse amplo de pesquisadores/autores do campo.

A variedade de formas de coleta e análise sugerem que não há uma predileção à determinada forma. Mas percebe-se uma maior adesão à análise narrativa e à análise crítica de discurso, que possibilitam entender as relações existentes entre poder, discurso e dominação (VAN DIJK, 2015). Caldéron e Guedes (2016), ao explorarem a análise crítica de discurso como opção para estudos organizacionais, destacam que a abordagem decolonial tem em comum com a análise crítica de discurso a preocupação com a questão do poder, da justiça e da igualdade social. Destarte, tal análise é apontada como um caminho que saí de protocolos e métodos que podem reprimir a pesquisa e o pesquisador.

Outra perspectiva que parece estar conectada com a proposta do MCD, visto que tal projeto deixa claro que existem conhecimentos esquecidos, é a perspectiva histórica, que foi adotada por alguns autores, como método ou somente como fontes históricas. É nessa linha que Oliveira e Hemais (2019, p. 13) entendem que cabe aos do Sul Global, “[...]resgatar e valorizar passados que fazem parte de nossa essência”.

Entretanto, o número pequeno de pesquisas empíricas e a variedade de metodologia podem apontar para alguns dos problemas mencionados por Santos (2019, p. 36): “[...]como descolonizar o conhecimento, bem como as metodologias através das quais ele é produzido?” e “[...]como criar metodologias consonantes com as epistemologias do Sul, ou seja, metodologias não-extratvistas?”. Wanderley e Faria (2013) parecem apontar para uma solução, quando sugerem o pensamento fronteiriço como método histórico no conhecimento de gestão e organização, bem como Misoczky e Böhm (2013), ao propor o método analético de Dussel.

Por outro lado, verificou-se que a maioria das pesquisas buscou trazer alternativas para os estudos organizacionais e para a Gestão/Administração, demonstrando a importância de

conhecimentos locais para entender práticas e realidades do país. Embora a colonialidade do ser tenha sido abordada, mesmo que não tenha sido expressa literalmente em alguns casos, foi muito mais frequente a abordagem sobre a colonialidade do poder e do saber. Destaca-se que a colonialidade do ser e do saber são derivadas da colonialidade do poder, como infere-se de Quijano (2009). A ideia de descolonizar conhecimentos e pessoas foram bem evidentes, chegando-se a alternativas/propostas, como as que foram expressas no bloco empírico.

As conclusões de Rosa, Alcadipani e Medeiros (2010) sobre a inversão de valores, quando o pesquisador não europeu compreende o sujeito europeu como “o outro”, chama atenção para um ponto observado no projeto MCD: é preciso ir em busca da pluriversalidade e coexistência ampla, de um mundo onde muitos mundos possam se encaixar (MIGNOLO, 2008).

Dito isto, propõem-se sugestões para agenda de pesquisa no campo da Administração, a saber: atender o convite para a utilização da abordagem decolonial proposta por Abdalla e Faria (2017); que sejam feitas mais pesquisas empíricas, pois elas podem ser o caminho para a criação de conhecimentos baseados no projeto MCD; que as pesquisas empíricas se dediquem aos grupos marginalizados sob a ótica da MCD e às questões organizacionais; e que as pesquisas busquem enfrentar ou revelar problemas locais, a partir do projeto MCD. A utilização da MCD, de uma forma mais ampla, seria uma forma de promover alternativas à ordem única neoliberal, como mencionado por Wanderley (2015), bem como possibilita trazer novos olhares para a área de Administração, considerando nossas realidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa teve como objetivo desenhar um panorama dos estudos nacionais sobre a abordagem decolonial e as perspectivas de colonialidade. Neste sentido, foram apresentados o panorama das pesquisas e os resultados divididos em blocos (teórico, metodológico e empírico) e em categorias/temas (com exceção do bloco metodológico). É possível concluir que houve avanços, mas pesquisas relacionadas ao projeto MCD ainda podem ser consideradas incipientes, visto que em vinte anos somente foram encontradas trinta e oito pesquisas nas fontes pesquisadas.



Caso não haja avanços nas pesquisas, sobretudo empíricas, o projeto MCD continuará com o status de “projeto” e “pensamento decolonial” e não resultará em novos conhecimentos que possam ser considerados como tais. Não se trata de abandonar o conhecimento eurocêntrico ou estadunidense, mas sim de demonstrar que existem outros conhecimentos válidos e que podem ser mais adequados para determinadas realidades, visto serem produzidos a partir dessas realidades. Como observa Mignolo (2010), o primeiro passo é enfatizar o mecanismo de poder, entender a matriz colonial de poder, para somente depois exercitar a descolonização.

Como destacado nas pesquisas, há controle nos recursos naturais, discriminação racial que avança para o mercado de trabalho, a desconsideração de conhecimentos de povos que marcam as origens dos brasileiros, o racismo epistêmico operado pelo eurocentrismo que segrega e não considera o conhecimento que foi produzido fora de suas fronteiras, grupos de mulheres que são silenciadas e excluídas em uma universidade, gestores que demonstram a institucionalização e a reprodução da dependência acadêmica, dentre outros contextos apresentados. Mas há também um esforço de historicamente marginalizados de se unirem para mudar as suas realidades, como os coletivos feministas e os empreendedores negros.

Este artigo contribui para a compreensão da base do conhecimento sobre a abordagem decolonial e as perspectivas da colonialidade no campo de Administração, no Brasil, além de incentivar pesquisadores da área à opção decolonial. Pesquisas que adotam tais concepções em Administração trazem a relevância de se pensar as organizações e as teorias organizacionais de seu contexto e para o seu contexto, tal como abordado por Silva *et al.* (2020).

Como limitação desta pesquisa, destaca-se o fato de não terem sido considerados outros congressos, além dos da ANPAD, e outros periódicos da área de Administração. Além disso, a própria decisão de concentrar-se na área de Administração pode ser considerada uma outra limitação, visto que outras áreas podem ter maior robustez na produção de pesquisas sobre a decolonialidade/descolonialidade/colonialidade. Por isso, além das sugestões já apresentadas, seria interessante ampliar as fontes no campo de Administração, ou incluir outras áreas de

conhecimento, ou ainda considerar outras áreas de conhecimento para comparar os avanços obtidos em outras áreas com os obtidos no campo da Administração.

Por todo o exposto, entende-se que a adoção da proposta MCD pode ser um caminho para a Administração/Gestão/Estudos Organizacionais, mas certamente há longos passos para atingir o seu intento mais audacioso, a descolonização e a geração e ampliação de novos conhecimentos.

## **REFERÊNCIAS**

ABDALLA, M. M; FARIA, A. Em defesa da opção decolonial em Administração/Gestão. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 4, p. 914-929, 2017.

ALCADIPANI, R.; ROSA, A. R. O pesquisador como o outro: uma leitura pós-colonial do "Borat" brasileiro. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 4, p. 371-382, 2010.

AMARAL, I. G.; MAFRA, F. L. N. O enfrentamento das opressões de gênero numa universidade pública: o papel dos coletivos na ótica do feminismo decolonial. In: Encontro da ANPAD, 43, 2019, São Paulo, **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2019.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, 2013.

BARROS, A. N. D.; WANDERLEY, S. E. D. P. V. Decolonialism and management (geo)History: is the past also a place? In: Encontro dos Estudos Organizacionais, 10, 2019, Fortaleza, **Anais...** Ceará: EnEO, 2019.

BAUER, A. P. M.; WANDERLEY, S. E. D. P. V. Decolonialidade, perspectivismo Ameríndio e antropofagia: uma contribuição para os estudos organizacionais na América Latina. In: Encontro dos Estudos Organizacionais, 10, 2019, Fortaleza, **Anais...** Ceará: EnEO, 2019.

BIZARRIA, F. P. D. A.; BARBOSA, F. L. S. Decolonialidade e gestão universitária: desvelando saberes em narrativas gerenciais. In: Encontro da ANPAD, 43, 2019, São Paulo, **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2019.

CALDÉRON, P. A. L.; GUEDES, A. L. M. Abordagem metodológica em estudos decoloniais: possível diálogo entre a análise crítica do discurso e as epistemologias do Sul. In: **Congresso Internacional de Administração e Marketing**, 11, 2016.

CARVALHO, F. M. D.; SAUERBRONN, F. F. Counter accounting as a frame for advancing decoloniality in the olympic games? An agenda proposal. In: Encontro da ANPAD, 43, 2019, São Paulo, **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2019.

CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 79-91, 2007.

CASTRO-GÓMEZ, S.; MENDIETA, E. La translocalización discursiva de Latinoamérica en tiempos de la globalización. **Teorías sin disciplina**. Latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate, SMAP, México DF, 1998.

CODA, R. C.; CASTRO, G. H. C. D. Marketing business-to-business: análise da produção científica brasileira de 2008 a 2018. **Revista de Administração de Empresas**, v. 59, n. 4, p. 258-270, 2019.

COSTA NETO, A. G. D. A denúncia de Cesáire ao pensamento decolonial. **Revista Eixo**, Brasília - DF, v. 5, n. 2, p. 46-54, 2016.

COUTO, F. F.; HONORATO, B. E. F.; SILVA, E. R. D. Organizações outras: diálogos entre a teoria da prática e a abordagem decolonial de Dussel. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23, n. 2, p. 249-267, 2019.

CRONIN, P.; RYAN, F.; COUGHLAN, M. Undertaking a literature review: a step-by-step approach. **British Journal of Nursing**, v. 17, n. 1, p. 38-43, 2008.

DEMO, G.; FOGAÇA, N.; COSTA, A. C. Políticas e práticas de gestão de pessoas nas organizações: cenário da produção nacional de primeira linha e agenda de pesquisa. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 250-263, 2018.

DUSSEL, E. 1492. **O encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

FARIA, A. D. A.; HEMAIS, M. W. A decolonial perspective on consumerism. In: Encontro da ANPAD, 40, 2016, Costa do Sauípe, **Anais...** Bahia: ANPAD, 2016.

FARIA, A. D. A.; WANDERLEY, S. E. D. P. V. Fundamentalismo da gestão encontra a descolonialidade: repensando estrategicamente organizações familiares. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 11, n. 4, p. 569-587, 2013.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2015.

MAFRA, F. L. N. et al. Resiliência e feminismo no movimento agroecológico brasileiro sob uma perspectiva decolonial. In: Encontro da ANPAD, 42, 2018, Curitiba, **Anais...** Paraná: ANPAD, 2018.

MAFRA, F. L. N.; LOBATO, C. D. P. A colonialidade no discurso corporativo da 'água da boa mesa' sob a ótica da Análise Crítica do Discurso. In: Encontro da ANPAD, 41, 2017, São Paulo, **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2017.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 127-167, 2007.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, W. El pensamiento des-colonial, desprendimiento y apertura: un manifiesto. **Revista Telar**, n. 6, p. 7-38, 2008.

MIGNOLO, W. **Historias locais/diseños globales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2003.

MISOCZKY, M. C. Sobre o centro, a crítica e a busca da liberdade na práxis acadêmica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 4, n. 3, p. 01-13, 2006.

MISOCZKY, M. C.; BÖHM, S. Resistindo ao desenvolvimento neocolonial: a luta do povo de Andalgalá contra projetos megamineiros. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 11, n. 2, p. 311-339, 2013.

MISOCZKY, M. C.; CÂMARA, G. D. Enrique Dussel: contribuições para a crítica ética e radical nos Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 2, p. 286-314, 2015.

MISOCZKY, M. C.; CÂMARA, G. D. Pensar desde América Latina em diálogo com a organização das lutas sociais descoloniais: explorando possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, n. 2, p. 93-103, 2020.

OLIVEIRA, L. R. D.; HEMAIS, M. W. Influências estrangeiras no sistema brasileiro de autorregulamentação publicitária: pesquisa histórica qualitativa sob uma perspectiva decolonial. In: Encontro da ANPAD, 43, 2019, São Paulo, **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2019.

PAUL, J.; CRIADO, A. R. The art of writing literature review: what do we know and what do we need to know? **International Business Review**, v. 29, n. 4, 101717, 2020.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Apresentação da edição em português. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod\\_resource/content/1/colonialidade\\_do\\_saber\\_eurocentrismo\\_ciencias\\_sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf). Acesso em: 01 jun. 2022.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificacion social. **Journal of World-Systems Research**, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. D. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 532 p., 2009.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidade/razionalidad. In: BONILLA, H. (Ed.). **Los conquistados: 1492 y la población indígena de las Américas**. Quito: FLACSO/Ediciones Libri Mundi, 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2022.

REZENDE, A. F. et al. Inserção dos negros no mercado de trabalho: um olhar decolonial. In: Encontro da ANPAD, 41, 2017, São Paulo, **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2017.

REZENDE, A. F.; MAFRA, F. L. N.; PEREIRA, J. J. Black entrepreneurship and ethnic beauty salons: possibilities for resistance in the social (re)construction of the black identity. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 589-609, 2018.

ROSA, A. R.; ALCADIPANI, R.; MEDEIROS, C. R. D. O. Por uma perspectiva pós-colonial nos estudos organizacionais. In: Encontro dos Estudos Organizacionais, 6, 2010, Florianópolis, **Anais...** Santa Catarina: EnEO, 2010.

ROSA, A. R.; ALVES, M. Pode o conhecimento em gestão e organização falar português? **Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 3, p. 255-264, 2011.

SANTOS, B. D. S. **O fim do império do cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, N. D. et al. (De)Colonialidade do saber nos estudos sobre a empresa familiar brasileira: possibilidades identificadas nas publicações científicas na base Spell no século XXI. In: Encontro dos Estudos Organizacionais, 10, 2019, Fortaleza, **Anais...** Ceará: EnEO, 2019.

SANTOS, R. B. D. D.; HEMAIS, M. W. Uma perspectiva decolonial sobre práticas consumeristas da proteste. In: Encontro da ANPAD, 43, 2019, São Paulo, **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2019.

SEGRERA, F. L. Abrir, “impensar” e redimensionar as Ciências Sociais na América Latina e Caribe. É possível uma ciência social não eurocêntrica em nossa região. A colonialidade do

saber. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: **CLACSO**, p. 203-226, 2005.

SERVA, M. Epistemologia da administração no Brasil: o estado da arte. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 4, p. 741-750, 2017.

SILVA, K. P. D.; GUEDES, A. L. Buen Vivir Andino: resistência e/ou alternativa ao modelo hegemônico de desenvolvimento. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 3, p. 682-693, 2017.

SILVA, R. O. D. et al. Josué de Castro e a colonialidade do poder, do ser e do saber: uma contribuição para a opção decolonial em estudos organizacionais. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 15, n. 1, p. 41-60, 2020.

SOUZA, L. K. D. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a análise temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019.

STREVA, J. M. Colonialidade do ser e corporalidade: o racismo brasileiro por uma lente descolonial. **Antropolítica Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 1, n. 40, 2016.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

VIZEU, F.; SEIFERT, R. E.; HOCAYEN-DA-SILVA, A. J. Non-capitalist organizations in Latin America: lessons from the Brazilian Faxinal grassroot community. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 2, p. 369-389, 2015.

ZWICK, E. Introdução à crítica dialética negativa da gestão pública brasileira: a constelação colonialidade em suas bases da recusa do não idêntico. In: Encontro da ANPAD, 39, 2015, Belo Horizonte, **Anais...** Minas Gerais: ANPAD, 2015.

WANDERLEY, S. E. D. P. V. Estudos organizacionais, (des)colonialidade e estudos da dependência: as contribuições da Cepal. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 1, n. 4, p. 237-255, 2015.

WANDERLEY, S. E. D. P. V.; FARIA, A. Border thinking as historical decolonial method: reframing dependence studies to (re)connect management and development. In: Encontro da ANPAD, 37, 2013, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2013.



**Submetido em 16/12/2021**  
**Aprovado em 11/06/2022**